

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

HISTÓRIA E HISTÓRIAS¹

Beïda Chikhi

Doutora em Letras, Professora Emérita da Universidade Sorbonne, Paris IV, Beïda Chikhi foi Diretora do Centre International d'Études francophones, nesta universidade, e da Coleção Lettres francophones, na Presses de l'Université Paris-Sorbonne (PUPS), de 2003 a 2012. Iniciou e dirigiu diversos programas de investigação, destacando-se “Imaginaires et poétiques de l'Histoire” e “Littérature et épistémologie”, que desenvolvem as principais questões francófonas. Beïda Chikhi participou no lançamento da base de dados LIMAG (Littératures du Maghreb) e na conceção do Bulletin de liaison des littératures du Maghreb, editado pela CICLIM (Coordination internationale des chercheurs en littérature maghrébine).

Na sua maioria, os escritores argelinos produzem textos complexos, vinculados às transmutações aceleradas da sua sociedade. O questionamento insistente das cesuras da história e a estética de resistência a todas as formas hegemónicas são os lugares a partir dos quais se organizam a dimensão crítica da obra e a visão de uma Argélia plural e criativa. Na sua análise de alguns textos

¹ Beïda Chikhi (1997). *Littérature Algérienne - Désir d'histoire et esthétique*. Paris: l'Harmattan, pp. 133-135, ISBN: 2-7384-6066-6

particularmente significativos de Jean Amrouche, Albert Camus, Kateb Yacine, Mouloud Mammeri, Mohamed Dib, Assia Djebar, Nabile Farès, Rachid Mimouni e Nina Bouraoui, Beïda Chikhi expõe as estratégias literárias, conscientes ou inconscientes, destes escritores na sua perspectiva da história e na sua afirmação enquanto sujeitos. (Chikhi. *Littérature Algérienne- Désir d'histoire et esthétique*. Contracapa)

No extrato traduzido, Beïda Chikhi expõe a relação de Assia Djebar com a história argelina, mormente os efeitos da guerra nas estruturas da sociedade, e sobretudo na esfera familiar, bem como com os seus leitores.

As leituras das obras de Assia Djebar envolvem, frequentemente, uma avaliação do conhecimento histórico ficcionado, como se a escritora e a historiadora tivessem necessariamente de se encontrar nesse lugar da escrita romanesca com múltiplas implicações e insuspeitadas capacidades. Como se pode ser escritor e historiador ao mesmo tempo, pergunta recorrente, e não abrir mais amplamente o circuito de intercâmbio entre história e literatura? Porque não abrir todo o espaço ficcional aos grandes eventos históricos da Argélia? Como ignorar o testemunho e análise históricos em prol da ligeireza dos jogos de intrigas amorosas, da aventura individual, da questão do corpo e dos problemas do casal?

Quando Assia Djebar começou *L'Amour, la Fantasia*, foi certamente para aceitar o desafio reiteradamente lançado de uma parte do seu público sobre um contributo mais sustentado da escritora-historiadora à escrita da história da Argélia, segundo uma ideologia da representação que privilegie o significado social e o testemunho.

Com a consciência histórica, Assia Djebar trouxe-lhe algumas iniquitações; desde 1962, ansiosa por marcar o seu envolvimento, experimenta uma dupla polaridade: por um lado, o impulso premente da história que reclama o que lhe é devido na forma de uma

ideologia de referência; por outro, um apelo de dentro, quase carnal, que se expressa na busca perturbada de um universo de formas estéticas que ocultam a verdadeira razão de ser da escrita, a necessidade da imagem de si.

Relativamente a essa “demanda histórica” e aos olhos desse mesmo público, a obra, pelo menos até *L'Amour, la Fantasia*, era deficitária e a parte de conhecimento histórico investido, insuficiente. Na verdade, há entre a autora e os seus leitores uma espécie de mal-entendido; como esse mal-entendido dos historiadores-literários que “não cai do céu”, que está “inscrito na HISTÓRIA”, e de que nos fala longamente Pierre Barberis em *Le Prince et le Marchand*².

Para esclarecer esse mal-entendido, seria tentador cruzar novamente o campo das definições do conceito de história e seguir Barberis na sua polémica exposição, estabelecendo, ao mesmo tempo, uma abordagem que envolve o leitor como condição da experiência da escrita e investigar as teorias da interação entre texto e leitor. O fenómeno que se manifesta sempre na relação história / literatura é o da disfunção, da assimetria entre os diferentes modelos de representação literária da história. Portanto, não se trata apenas de questionar o nascimento do conceito no campo da literatura; sobre isso os teóricos já disseram coisas decisivas, como, por exemplo, o facto de que “a historicidade do texto literário tem uma história, primeiro, porque todo o texto um dia, e nunca por si mesmo, entrou na nossa HISTÓRIA, depois, porque o problema da historicidade-não-historicidade ou historicidade-que historicidade também tem uma HISTÓRIA”³.

As relações entre história e literatura podem ser entendidas de múltiplas formas, mas sempre em termos de projecção ou reflexividade entre dois discursos, um histórico e outro literário. As noções de

² Paris, Fayard, 1930, p. 107.

³ Pierre Barbéris, *Idem*.

HISTÓRIA, História, história são pensadas por Barberis em termos de discursos ou textos. E a história solicitada pelos leitores de Assia Djebar é aquela, referencial, escrita por historiadores sobre as superestruturas, os grandes momentos da evolução de um povo, de uma nação, sobre a invasão colonial, a guerra de independência, sobre tudo o que respeita à comunidade. O trabalho do escritor-historiador daria então primazia à escrita das suas fichas de informação, à sua documentação, aos seus arquivos, ao texto dos seus próprios testemunhos, caso ele próprio fosse testemunha ou protagonista. O texto ficcional seria então apenas um lugar de projeção, de tratamento, de análise e de problematização desse texto histórico, normalmente já rigorosamente redigido a partir das suas leis específicas, as mesmas que regem a organização da história como discurso de saber, de conhecimento dominado, para não dizer discurso científico. O texto ficcional, por sua vez, poderia tornar-se fonte literária da história.

Tal empreendimento, caso pretenda salvaguardar, ao mesmo tempo, as qualidades literárias de um texto, exige uma competência efetiva, como aquela que a autora evidenciou em *L'Amour, la Fantasia*.

Caracterizada por uma poderosa evocação histórica e uma grande capacidade de criação poética, esta produção, aquando do seu lançamento, recolheu unanimidade. Ao compensar o défice de informação nos seus romances anteriores (*Les Enfants du nouveau monde* e *Les Alouettes naïves* tinham, como projeto inicial, um fresco histórico), a autora removeu a disfunção que havia interrompido as suas relações anteriores de leitura.

Procure-se, aqui, formular em termos de conteúdos ficcionais as posições da autora frente à exigência historiográfica, a partir dos seus primeiros romances, na medida em que *Ombre sultane*⁴, publicado após *L'Amour, la fantasia*, ao expulsar radicalmente a referencialidade

⁴ J.C. Lattès en 1987.

histórica para voltar à história dos indivíduos e dos casais, parece expressar um regresso da autora às suas posições iniciais, aquelas enunciadas quase explicitamente em *Les Alouettes naïves*. Em *L'Amour, la Fantasia*, acreditou-se numa espécie de discurso feliz que fechava um longo debate entre Assia Djebar e os seus leitores-historiadores, enquanto este romance é talvez apenas a prova, oferecida, de uma competência. Em todo o caso, é certo que reflete apenas parcialmente a filosofia DJebariana da história, que começou a forjar-se a partir de *La Soif*. Mas pode prever-se, para o futuro da obra, um forte retorno da história.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE
FERNANDO GOMES

Universidade de Évora